



SÍNTESE DIOCESANA

Introdução

A primeira fase do sínodo 2021-2023, ou fase diocesana, teve início em nossa Diocese a partir da data de abertura do evento, ou seja, 17 de outubro de 2021, com Santa Missa presidida por Dom Angelo Pignoli, então bispo diocesano na Igreja Catedral. Nomeado por, Dom Angelo Pignoli, o coordenador de pastoral constituiu a equipe que daria andamento aos trabalhos, sob a orientação da Comissão Nacional.

O trabalho inicial desta comissão diocesana foi de fomentar o espírito sinodal desejado pelo Papa Francisco, com o objetivo de produzir na consciência de todos o espírito de comunhão eclesial. Pensando nisso, foi promovido um encontro formativo para o clero entre os dias 08 e 09 de novembro de 2021 tendo como facilitador, o então Mons. Antônio Luiz Catelan, membro da Comissão teológica internacional, hoje bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Com este pontapé inicial foi pedido que todas as paróquias criassem suas comissões sinodais paroquiais para uma melhor organização da escuta sinodal em nossas paróquias.

Com a renúncia de Dom Angelo Pignoli ao governo pastoral da Diocese de Quixadá, aceita pelo Papa Francisco em 15 de dezembro de 2021, a Diocese entrou no período de vacância à espera do seu novo bispo. Contudo, o trabalho pastoral do sínodo continuou, agora sob o incentivo e a colaboração do administrador diocesano, Pe. Eronildo Oliveira, e com a renúncia deste, do novo administrador, Pe. Francisco Otaviano, que acompanhou de perto todo o processo.

Depois da criação das comissões nas paróquias, foi realizado um dia de encontro diocesano com todas as comissões paroquiais no dia 08 de janeiro de 2022. Na ocasião, foi explicado aos membros destas comissões como se daria o processo de escuta nas paróquias. Para uma melhor facilitação do processo de escuta, a Comissão Sinodal Diocesana preparou um subsídio que, de maneira resumida e de fácil compreensão, explicava o significado e o objetivo do sínodo, além de dividir as perguntas em três grandes blocos com temáticas afins, para auxiliar os fiéis nas respostas, sempre com o objetivo de responder a questão central do Sínodo.

O processo de escuta sinodal em nossa diocese aconteceu de janeiro a junho de 2022. Neste período o povo de Deus foi escutado nas diversas paróquias de nossa diocese. Cada paróquia buscou a melhor maneira de fazer com que o sínodo e, mais ainda, o seu espírito pudessem chegar ao maior número de pessoas, desde a sede paroquial com suas diversas pastorais e movimentos até as comunidades rurais mais longínquas. Em nossa Igreja local, a escuta sinodal se deu entre os fiéis leigos e leigas, inseridos ou não nas diversas pastorais e



movimentos das paróquias, como também entre as lideranças das comunidades rurais. Algumas paróquias tiveram um maior êxito neste intento, outras maiores dificuldades no processo de escuta e não conseguiram ouvir uma grande parcela do povo de Deus, mas o “caminhar juntos” se dá justamente na busca da comunhão e participação, não importando se alguns já caminham com mais facilidades e outros com mais dificuldades. O que importa é que todos caminhem juntos em busca da comunhão e da corresponsabilidade que nos une como irmãos em Cristo Jesus.

Por fim, foi realizada a Assembleia Pré-sinodal na qual o clero juntamente com os membros das comissões sinodais paroquiais puderam votar para aprovação desta síntese diocesana, tendo a oportunidade de dar sugestões de acréscimos e mudanças, a fim de que a síntese final pudesse estar o mais próxima possível dos anseios, sofrimentos e alegrias desta porção do povo de Deus. Após este momento foi celebrada a Santa Missa de encerramento do processo de escuta sinodal em nossa diocese. A Santa Missa foi presidida pelo Administrador Diocesano, Pe. Francisco Otaviano, e concelebrada pelos padres presentes no encontro, com a participação dos fiéis vindos das paróquias de nossa diocese, além dos religiosos. Ao final da Missa, Pe. Francisco juntamente com o Pe. José Maria Loiola, coordenador diocesano de pastoral e da Comissão Sinodal Diocesana, assinaram a síntese diocesana, marcando assim simbolicamente o término do caminho de escuta sinodal na Diocese de Quixadá.

Segue abaixo a síntese diocesana dividida em três blocos:

BLOCO I:

Companheiros de viagem:

Foi verificado nas partilhas certos avanços no que diz respeito ao “caminhar juntos” em comunhão, principalmente nas pequenas comunidades, nos grupos, pastorais e movimentos, além do compromisso daqueles que estão à frente das capelas nas comunidades rurais. Porém, ainda são muitas as realidades que atrapalham o caminhar juntos em nossas paróquias, são elas: ausência de organização pastoral a nível paroquial, falta de comunicação e falta de comunhão entre as pastorais, divisões, falta de acolhimento de novas pessoas que querem ingressar nas diversas pastorais, espírito de superioridade por parte de alguns, desencontro entre a sede paroquial e as comunidades. Com relação à juventude, o fator implicante na falta de comunhão é a divergência de propósitos e valores, devido a fase jovem da vida dos participantes e a construção do senso crítico que ainda está na fase de formação. Observou-se também o fato, em algumas partilhas, de que algumas pessoas por se sentirem mais próximas aos padres se sentem mais importantes e chegam a atrapalhar a participação da comunidade.



Os que caminham mais próximos são aqueles que prestam algum serviço nas pastorais paroquiais, que em sua grande maioria são adultos e mulheres. Também os que cresceram em uma família tradicionalmente católica, os que receberam um testemunho dos mais velhos, os catequistas, equipes de liturgia, MESCE's, pessoas mais humildes economicamente e líderes das comunidades. Já as realidades que ainda caminham distantes são em primeiro lugar os jovens, principalmente nas comunidades rurais, familiares dos catequizandos, os homens, as crianças e os economicamente mais favorecidos. Há também aquelas pessoas que não fazem parte de nenhum movimento, pastoral ou equipe. Observou-se também que os casais em segunda união sentem-se excluídos pelo fato de não poderem participar da vida sacramental da Igreja. Percebemos também que os casais que estão em união estável e os casais homossexuais, não se sentem confortáveis ao ir à Igreja, pois ainda existe preconceito com relação a essas pessoas, mesmo sabendo que na Igreja não deve ter aceção de pessoas.

Compartilhar a responsabilidade pela nossa missão comum:

Observou-se que os fatores que atrapalham o engajamento daqueles que querem se aproximar da igreja são: a necessidade de trabalhar para a subsistência da família, o comodismo, o medo de ser rejeitado e do julgamento, a vergonha de se expressar, a falta de oportunidade e incentivo para com aqueles que querem ingressar no serviço pastoral, por parte de alguns que se perpetuam na liderança de determinada pastoral. Também a falta de acompanhamento, a falta de caridade e de comunhão, falta de interesse, falta de motivação, falta de formação, êxodo rural, os meios virtuais, o contratestemunho dos membros das diversas pastorais na prática da unidade, grupos fechados e a falta de compromisso são realidades que atrapalham o engajamento daqueles que querem se aproximar da Igreja.

Verificamos que em nossas paróquias estão ficando esquecidas realidades de missão como a evangelização nas famílias, a busca da unidade, envolvimento das assembleias nas liturgias e cantos, visitas domiciliares, encontros de avaliação e planejamento, catequese antes dos sete anos e para as famílias, oração pessoal e comunitária, pastoral da educação nas escolas e faculdades, os jovens, os idosos e as crianças, além da compreensão do ser Igreja e sair de si mesmo e ir ao encontro dos outros.

No que diz respeito à valorização das pastorais sociais em nossa Igreja local, de maneira geral as pastorais sociais caminham em nossa diocese, ainda que de maneira tímida. Podemos citar como exemplos a pastoral da criança, a pastoral da pessoa idosa e a pastoral familiar. Além disso, nossa Igreja local pratica diversos serviços sociais por meio das diversas instituições caritativas mantidas pela diocese e por institutos religiosos, como um hospital maternidade, casa da gestante, um abrigo de idosos, creche Rainha da Paz, o Espaço da Misericórdia que atende às pessoas em situação de rua, possibilitando alimentação e cuidados de higiene pessoal. Existe também a Comunidade Novos Horizontes que atua no tratamento dos dependentes químicos. Além disso, a diocese presta um relevante serviço social à comunidade por meio do Centro Universitário Católica de Quixadá, com serviços



como: assessoria jurídica, atendimento odontológico, fisioterapêutico e psicológico. No contexto paroquial as pastorais sociais caminham com muitas dificuldades, embora existam atividades pontuais e periódicas no serviço da caridade, de maneira específica no contexto urbano por grupos como os Vicentinos e o Projeto São Vicente que atuam diretamente no aspecto social com auxílio de cestas básicas e distribuição de alimentos. A valorização destas pastorais se dá por meio de formações periódicas.

Autoridade e participação

As lideranças de nossa Igreja local fomentam a “comunhão e participação” através das assembleias diocesanas e paroquiais, das reuniões de coordenações, dos conselhos paroquiais, e momentos de formação, embora a participação ainda seja limitada. Há uma certa integração entre padres e leigos, através da tomada de decisões em conjunto.

Além disso, existem os diversos organismos de participação em nossa diocese, como conselhos diocesanos e conselho presbiteral, que cultivam a prática sinodal em nossa diocese. Contudo ainda em processo e muitas vezes até falho. Muitas vezes acontecem escutas para direcionamentos muito pontuais com oportunidade de se falar, participar e se expressar, mas se percebe que muito do que é falado não é colocado em prática e, muitas vezes, não há decisão em conjunto, apenas entre os líderes. Na realidade, as pessoas são consultadas, mas a decisão já está previamente tomada, não sendo a opinião respeitada.

Discernir e decidir

Os métodos ajudam na escuta do povo de Deus. Há prática de escuta, através das pastorais e movimentos, embora ainda precise ser aperfeiçoada. A organização dos setores rurais favorece a comunhão. As tomadas de decisões acontecem após o diálogo. Há uma consulta, mas nem sempre é tomada a decisão. A decisão é de quem lidera, ou seja, não há decisão em conjunto, a decisão é sempre entre as lideranças. Mesmo assim, procura-se ouvir as opiniões para depois decidir.

Podemos promover mais comunhão com mais formações para lideranças, mais trabalhos pastorais com as famílias e uma melhor organização das pastorais, jovens evangelizando jovens, missões, mais tempo dos padres nas comunidades, mais momentos de convívio entre as comunidades.

BLOCO II:

Ouvindo

Sobre a escuta pela Igreja hoje, observa-se que não há espaço dentro das comunidades, há deficiência no acolhimento e necessidade de espaço para escuta, como grupos de partilhas. Os líderes das comunidades em alguns casos se tornam referências na comunidade para a escuta daqueles que desejam partilhar. Existem ainda aqueles que querem



ser escutados a partir daquilo que consideram “certo”, o que nem sempre coincide com os ensinamentos e orientações da Igreja. Outros tem muita dificuldade em falar e em expressar uma opinião. Algumas pessoas não se sentem escutadas no que diz respeito às regras de administração dos sacramentos tanto a nível paroquial como diocesano. Outros grupos dizem que não se sentem ouvidos, pois muitas vezes a Igreja já está com a opinião formada e o que vale é a palavra de quem está à frente. Contudo, hoje se têm mais tempo e espaço na Igreja para escutar. Um momento propício para a escuta se daria em grupos de partilha, círculos bíblicos e visitas às famílias. Constatamos que os grupos menos ouvidos são os mais pobres, os das periferias, os idosos, os jovens e os grupos com orientação sexual diferente, pelo pouco espaço que lhes é oferecido.

Falando

Avaliando a forma de falar, seja com liberdade, verdade e caridade, observa-se que o falar sem caridade atrapalha. Nos grupos verifica-se aquelas pessoas que se encerram no egoísmo, não acolhendo o que o restante do grupo apresenta, as críticas destrutivas, o comodismo, o medo de julgamento, a timidez e as disputas, além disso existe a incapacidade de falar com liberdade e ouvir com imparcialidade, existe uma dificuldade na escuta. Por outro lado, é observável que a escuta é um meio de ajuda, por que essa abre uma oportunidade para a acolhida, participação e a caridade. Na sociedade o uso excessivo dos meios de comunicação atrapalha o diálogo familiar.

Diálogo na Igreja e na sociedade

Existe diálogo e entrosamento entre os grupos e pastorais em nossa Igreja local, embora ainda de uma maneira limitada, pois muitos não estão preparados para falar e ouvir o próximo. Há uma boa integração das comunidades nos setores rurais. Em muito ajudam nossos pastores nessa comunhão, na promoção de momentos paroquiais ou setoriais para a experiência da comunhão. Também os meios virtuais ajudam. A nível diocesano também existem momentos e espaço para o diálogo e a escuta, muito embora estes momentos e espaços sejam mais específicos por ocasião de assembleias, conselhos e encontros. Foi relatado a falta de espaços de escuta para as famílias e as pessoas de modo geral que não pertencem a pastorais e movimentos.

A relação entre as pastorais ainda apresenta alguns pontos negativos no que diz respeito à comunhão. Isso se dá pela falta de compromisso, rivalidade e fechamento entre os diversos membros das pastorais e movimentos. Falta caridade pastoral. Ainda não existe plena comunhão entre as pastorais, apesar do esforço para que a mesma aconteça. No que diz respeito as comunidades religiosas, estas nem sempre são valorizadas para colaborarem na caminhada da “Igreja em saída”.

BLOCO III:

Celebrando



No que diz respeito a celebração litúrgica, é verificável as mesmas pessoas na participação das celebrações na comunidade, embora aconteça os convites e incentivos por parte dos líderes. A ação litúrgica acontece principalmente por meio da celebração eucarística e da celebração dominical da palavra. Hoje os meios de comunicação virtuais facilitam o convite para a participação nas celebrações e a divulgação de eventos na paróquia. Contudo, as transmissões das celebrações podem gerar uma acomodação impedindo a participação de forma presencial. A frequência maior de participantes acontece em momentos celebrativos como festa do padroeiro, como também em intenções particulares e eventos. É notado a ausência de alguns dizimistas nas celebrações comunitárias, não só litúrgicas, mas em cafés comunitários e visitas, por exemplo.

A motivação das demais pessoas para se inserirem nas celebrações litúrgicas deve acontecer pela condução a um aprofundamento dos ritos celebrativos, do conhecimento da doutrina, maior evangelização por meio de formações, encontros e visitas missionárias, envolvimento dos catequizandos e suas famílias nas celebrações. Esta motivação também pode ser feita por meio da presença de missionários auxiliando as pastorais, o acompanhamento dos leigos na catequese e celebração, visitas às famílias com a presença de padres, seminaristas e demais missionários, a formação de grupos de jovens para integrar a juventude na vida da comunidade adentrando na realidade e necessidade da experiência dos jovens com formações e encontros, incentivando às pessoas em seus dons e habilidades para o serviço da Igreja, promovendo encontros e eventos para a familiarização à vida comunitária e celebrativa, formação de grupos da perseverança, reavaliando às celebrações e eventos, adaptando-se as possibilidades econômicas, sociais e pastorais. Essas promoções são meios alcançáveis de aproximação dos mais distantes da Igreja dentro da realidade de nossas paróquias. Um aspecto muito importante seria o testemunho daqueles que já são engajados, pois, ao contrário, o contratestemunho é desmotivação.

Ecumenismo

Em nossa realidade, o diálogo com outras religiões e igrejas cristãs quase não existe, pois não encontramos abertura nelas para um diálogo sincero e fraterno, de nossa parte, isso causa um certo receio em procurá-las.

Algumas dificuldades para esse diálogo e caminho sinodal com essas outras religiões cristãs são: o preconceito, o fechamento, a intolerância por parte das outras igrejas, a falta de formação religiosa, o proselitismo, o desrespeito para com nossa fé e práticas religiosas. Se faz necessário para uma maior aproximação: aceitar o diferente e acolher o outro como pessoa humana, independente da igreja que frequenta e uma melhor abertura dos líderes das outras denominações religiosas. O primeiro passo para uma maior aproximação é o cultivo de um respeito mútuo entre as diversas religiões. A partir disso poderia se promover encontros com temáticas comuns e realizar obras de caridade. Além disso, é necessário um diálogo pautado na humildade, compreensão e fraternidade.



Formando-nos em sinodalidade

Nossa Igreja local forma os fiéis no “caminhar juntos” através dos grupos, pastorais e movimentos. Sentimo-nos úteis quando servimos na Igreja, somos valorizados, aprendemos com os testemunhos. A nossa Igreja nos forma a partir das assembleias paroquiais, dos conselhos, das várias pastorais, grupos e movimentos e das missões periódicas. A escuta sinodal é uma grande iniciativa para o “caminhar juntos”. Precisamos de mais formações nas pastorais a fim de evitarmos a existência de grupos fechados e seletivos, onde falta o diálogo. Com certeza este sínodo nos ajudará no fomento desta sinodalidade entre nós.

Conclusão

O processo de escuta sinodal em nossa diocese ajudou nossa Igreja particular a escutar dos fiéis seus desejos, aspirações, seus sofrimentos e alegrias, que são também os desejos, aspirações, sofrimentos e alegrias da Igreja (Cf. GS, n.1). Por meio das respostas colhidas seja dos centros urbanos, seja das comunidades rurais mais longínquas, pudemos ver o rosto de nossa Igreja diocesana. Uma Igreja simples e pobre, com muitos desafios, erros e acertos e que ainda tem uma longa caminhada pela frente no seu caminhar juntos rumo a sinodalidade.

A dificuldade de ouvir o outro, o fechamento em si mesmo, motivado pelo egoísmo que impede uma abertura à escuta foram realidades que apareceram com grande frequência em nossas escutas. No fundo, o que ainda nos impede de caminhar juntos e de ver que passos o Espírito nos convida a dar, questão fundamental do sínodo, é justamente o perigo de cair na tentação da autossuficiência, do isolamento, do achar que consigo caminhar sozinho. Tudo isso impede-nos de olhar para o lado e ver que não estamos sozinhos, que existem tantos outros que caminham ao nosso lado e desejam caminhar juntos conosco.

Apesar do longo caminho que ainda temos de trilhar rumo a comunhão e a participação inspiradas pelo Espírito Santo à Igreja nos dias de hoje, nos dá esperança o fato de termos percebido o que precisamos mudar e que esta mudança deve começar no interior de nossos corações. Converteremos as estruturas eclesiais quando convertermos os corações, pastores e fiéis, juntos em comunhão.

A escuta sinodal nos ajudou a perceber que o povo de Deus deseja uma Igreja acolhedora, que saiba escutar, mesmo àqueles que estão à margem da sociedade, que não têm voz nem vez na sociedade, mas que querem e devem ser acolhidos e abraçados pela Igreja em saída tão desejada pelo Papa Francisco.

A partir disso, são apontados os caminhos que o Espírito Santo nos convida a trilhar rumo a uma Igreja sinodal que prisma pela comunhão, participação e missão de todos: bispo, presbíteros, religiosos(as) e cristãos leigos. Todos formam povo de Deus e, assim, formam



a Igreja Una, Santa e Católica. Neste sentido, nos comprometemos a nos tornamos uma Igreja acolhedora, capaz de amar a todos sem distinção de pessoa, independente da fraqueza, todos são seres humanos e são amados por Deus e devem também ser amados pela Igreja.

A escuta sinodal, além da mudança interior citada acima, que é o alicerce de tudo, nos exorta a uma melhor organização, ampliação e incentivo de nossas pastorais, seja no âmbito diocesano, seja no âmbito paroquial e também comunitário. A fim de que, o anúncio do Evangelho possa chegar àqueles que estão mais distantes da Igreja. Não se fala aqui de uma distância física simplesmente, mas uma distância espiritual e existencial. Quantos são aqueles que habitam nas cidades, próximos à inúmeras Igrejas, mas estão com o coração distante do Senhor e de sua Igreja, perdidos em seu vazio existencial. O anúncio do Evangelho é também e principalmente para eles, pois “não são os sadios que precisam de médico, mas os doentes” (Lc 5,31), nos diz Jesus.

O Sínodo dos bispos sobre a sinodalidade, começou em 2021 e haverá de terminar em 2023, mas o espírito sinodal, de uma Igreja que é comunhão, participação e missão deve continuar em nossa Igreja, até que chegue a todos os batizados, como deseja o nosso Papa Francisco, e como desejamos também nós em nossa Diocese de Quixadá. Isto posto, suplicamos a Sagrada Família de Nazaré, modelo de comunhão perfeita, que nos ajude neste intento.

Pe. Francisco Moreira Otaviano

Administrador Diocesano

Pe. José Maria Loiola

Coordenador Diocesano de Pastoral e da Comissão sinodal diocesana